



Semanário humorístico e literário

Propriedade da Empresa do PARDAL

Director e editor: Luis Teixeira Jacinto — Administrador: António Dantas

Redacção: Campo da Misericórdia, 13  
Administração: Rua de Paio Galvão, 70



Composto e impresso nas oficinas da  
Tipografia Minerva Vimaranesse

Guimarães, 9 de Abril de 1916

## Civilização... retrógrada

Desculpe-me a Sociedade Protectora dos Animais se a ela me anticipo em louvar o procedimento da Câmara Municipal proporcionando-nos belos espectáculos, género Grand Guignol, como o que ainda há poucos dias eu presenciei.

Desculpe-me o não saber ainda guardar para mim só o entusiasmo que tais espectáculos causam como tudo quanto existe de cruel, de bárbaro, de selvagem... Mas digam-me os leitores se já viram coisa mais divertida do que esta: Uma pobre cadelinha quasi mãe, talvez bem tratada e bem estimada pelo dono, teve a ousadia de fugir de casa e passar pelo jardim público numa manhã de

sol! Era crime, realmente, para ser prêsca, esganada, queimada, e em seguida morta a tiro... Mas um bolo de veneno tornou desnecessário tanto trabalho que isto daria, fazendo-a apenas contorcer-se, saltar, aclamada a cada cabriola pelo rapazio que ria em volta!... Vá! educadores das criancinhas! E' assim que elas aprendem a amar os animais!...

Eu assisti, empoleirado no ramo de uma japoneira, ao principio do espectáculo, mas—não me levem isto a mal—faltou-me coragem para lhe ver o fim.

Disseram-me depois que a pobre cadelinha, num último esforço, quis fugir da arêna, indo cair

junto a uma porta, extenuada, sem forças para continuar a luta com o veneno que lhe dilacerava as entranhas!

Morreu, quem sabe se pensando nos filhinhos que não chegaram a ver este mundo tam mau, tam perverso!... Ah! leitores! Agora até o *Pardal* tem medo de passar ao jardim público!

Mas poderão dizer-nos para que é a rêde? Para que são as elevadas contribuições que se pagam... por ter cão? Para que são as lápides que vemos em algumas esquinas das nossas ruas?

Tudo isto é apenas para inglês ver, porque a nossa terra jámais deixará de estar na avançada da civilização... retrógrada!...

*Pardal.*



## O Pardal na depenicadela

Dizem que no comício promovido pela **Junta Patriótica**, o povo não mostrou grande entusiasmo...

*Olha que dúvida... Das duas... uma... Ou havia de estar a segurar nas calças, ou havia de estar a dar palmas.*

Certa creatura toda talassa até à raiz dos cabelos, diz aí à boca cheia que os republicanos haviam de ser todos enforcados por nos terem colocado na beligerância...

*Ora o diabo da mulher não tem sono. Está a pedir sumo de marmeleiro como as crianças Emulsão de Scott—lá foi mais êste anúncio.—*

Pergunta-nos uma leitora, se o Dr. Amílcar curará a dôr de cotovelo também com o sumo de limão?...

*Não madame... Isso deve ser com óleo de mosquito ou unto de cobra pitão.*

Então V. Ex.<sup>as</sup> não querem rir um bocadinho?

Isto não pode ser!

Sem música há quasi trinta dias... Veja lá isso ó Sôr Soares... Olhe que a gente já sente demasiado a falta duma gaitada... Assim não tem graça nenhuma. A gente quer música... muita música... a dança não tardará... Mande-nos, ao menos, um turno

de corneteiros para a gente se não esquecer dos amigos.

Então que pouca vergonha é esta? Isto é uma terra de ladroeira e urge ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Administrador tomar providências.

Então não viram que na sexta feira, o açúcar a trezentos e oitenta, ou sejam pela nova moda 38 centavos, e no sábado, como fôsse dia de feira, fizeram uma subida de 6 centavos! E' caso para se dizer:

Fora c'os patifes.  
Fora c'os ladrões.  
Fora a roubalheira.  
Fora os comilões...

Oh! da guarda...  
Oh! da policia...  
Oh! Zé! Abre os olhos alma do diabo... olha que tu estás aqui, estás a comer pedras. Tu não vês o açambarcamento do feijão, ó Zé ceguinho?

Olha que de aqui ao tempo da fava ou de ervilha ainda podes passar privações. Olha que elles estão a levar-te tudo quanto aparece. Se quizeres um bocado dêle vermelho já o não tens. Já o chamaram todo a mochila e tu a dormires o sono do justo... acorda oh Zé... deixa-te de preguiça e abre os olhos, levanta-te mais cedo e vê... Agora vai o branco e o moleiro, depois tu comes um ôsso e é muito bem feito. Valha-te santa Quitéria, sempre me saiste um *peludo*...

Do «Janciro»:

(autêntico)

Caíu duma altura de 3500 metros um aviador francez, que entrevistado pelo redator do jornal

X... se recusou a dizer o nome, dizendo apenas que tinha batido o *record da cambalhota*, ou coisa semelhante.

*Se tivesse caído cá no «Pardal» teria partido as costelas com toda a certeza.*

*Meter butes ao diabo... Irra de que força...*



## Gemidos da nossa lira

Trovas oferecidas ao nosso poético povo

(Cancioneiro para violas e instrumentos de corda e palheta: para instrumentos também de peles e ferriuhos: para dar a afinação precisa o cantador ou cantadeira tem de cantar, sentimentalmente, senão... lá se vai a festa... Clave de sol: tom menor...)

V

Apeguei-me a S. Gonçalo,  
por nele ter grande fé;  
muito se engana quem cuida  
ser mais que aquilo que é.

VI

Comprei um pau d'amieiro  
p'ra fazer uma viola;  
p'ra ter curso de tratante  
não é preciso ir à escola.

VII

Eu hei de amar uma rosa  
já que outros amores não tenho,  
quem quizer um bom emprêgo  
meta saias por empenho.

VIII

O sol vem de madrugada  
e vai-se embora à noitinha  
vale de muito aos tratantes  
ter padrinhos na cosinha.

J. BREJEIRO.

## O PARDAL NOS PENSAMENTOS E DITOS

Nem «Juventude» nem «Juvência», acima de tudo está a *Vitália*.

*Salgado.*

Fazer bonets não custa, vendê-los é que é o diabo.

*Camilo Reis.*

Tanto monta fazer uma partida de bilhar, como uma dúzia de hóstias.

*Sousa Asépsia.*

O Biogenol depressa se faz, a questão é de unhas.

*Alves Mendes.*

Qualquer dia vou andar de aeroplano. Também é só o que me falta.

*Alberto Costa.*

Um ginete bom para mim é tudo...

*Ferra.*

Serêna... Serêna... Serêna...

*J. C. Carvalho.*

A música é muito linda! os outros que a paguem e eu que a oiça.

*Zé Maria.*

A's vezes é cada catapetão que até treme o Beringel

*Cónego.*

Podem-me chamar tudo. O que eu não quero, é que me chamem cãoseiro ou ladrão.

*Lerdeira.*

Sou um calixto a jogar o prato.

*Loursiro.*

Com sardinhas e café, ninguém me passa o pé.

*Vinagreiro.*

Descan...çar...

*Macado, Linha.*

Todos os dias, elas para cá e nós para lá...

*Coelho da Silva e J. Cruz.*

Não posso andar sem a lamparina.

*A. Candeias.*

Se os apanho lá, dou-lhes uma estropiadela.

*Silva chefe.*

São 11,35. Está a dar meio dia em Paris.

*M. Felgueiras.*

Botas p'rá cabeça e chapéus p'rós pés... Ah! diabo que me enganei.

*M. C. Martins.*

Sou um homem enciclopédico.

*Jacinto.*



## O Pardal na secção de carapuças

## II

Dizes mal de toda a gente, mesmo sem teres que dizer; dizes mal continuamente, dizes mal por um prazer.

Tal é o vício contraído—de mal-dizeres tudo a êsmo, que já foste surpreendida a dizer mal de ti mesmo.

*JOÃO BREJEIRO.*



## O Pardal no dicionário

**Agradar**—Mostrar boa tromba.

**Agredir**—Ir p'rás bentas a um cidadão.

**Agua pé**—Vinho que muita gente nos vende como coisa boa.

**Agua-ráz**—Bebida do sr. António Zé.

**Aguentar**—(E cara alegre) O que nos vai acontecer.

**Aguias**—Coisas que os alemães trazem no capacete.

**Agulha**—A língua da minha vizinha.

**Aia**—Menina que péga na cauda.

**Airada**—(Vida).

**Ajardinar**—Fazer pé de alferes.

**Alambazado**—Menino que come por dois e paga por meio.

**Albarda**—Casaco que certos figurões podiam usar.

**Alça**—Mesmo que dizer: dá cá o pé.

**Alemão**—O Albino Cardoso.

**Alejados**—Como nós ficamos depois da guerra.

**Alerta**—Olho em mira.

**Alfândega**—Casa onde nos levam os olhos da cara, por dez réis de mel coado.

**Alho**—O que o bacalhau quer...

**Alinhavado**—Rufia com sete facadas no buxo.

**Aljube**—Restaurante à borliú—com cama e mesa.

*DR. XABREGAS.*



## Talvez...

—Seu filho toca rabeça com tal mimo e perfeição que parece que nasceu com a rabeça na mão.

—Olhe, p'ra o deitar cá fora foi um caso tam bicudo que nem que êle já trouxesse a rabeça, o arco e tudo.



## UMA CARTA

(Escrita a minha prima M. em 5-4-916).

Ao meu íntimo e dedicadíssimo F.

Voluntário escravo, ajoelhado num fôto genuflexório de pau preto aos pés dum humilde e bom sacerdote, confessei-me há dias, cumprindo com respeito todos os preceitos, como bom e temente cristão que sou.

O bom do sacerdote, muito comodamente refestelado no espaldar duma cadeira de couro lavrado de pregarias de metal amarelo, fazia-me perguntas sucessivas, que ora me surpreendiam, ora me envergonhavam.

Confesso que fiz uma boa confissão, embora na confissão me enganasse, tanto assim, que o bom do sacerdote benzeu-me três vezes, em cruz, com a sua magra e afuzada mão esquerda (a direita, carregada de frieiras, estava êle a esfregá-la na batina lustrosa) e absolveu-me, recomendando-me que na minha oração pedisse a Deus perdão de todos os pecados.

Assim fiz. Com todo o respeito, de mãos erguidas, pedi a Deus que me perdoasse todas as faltas e êrros por culpa das mulheres cometidos neste vale de lágrimas, e levantei-me mais aliviado, somente com um grande formigueiro nas rótulas e um rangido surdo nas parêdes do estômago.

A' saída mergulhei a mão na água benta, e em lugar de com ela me benzer, umedecei de rápido as faces descóradas duma beatinha linda, que apertada num chale negro, de rosário pendente, apresada entrava.

Foi de rápido, veloz, porque senão não deixava seguir a linda e redonda beatinha sem levar nas suas descóradas faces um beijo quente e afogueador, para que aos olhos piscos do confessor ela se mostrasse uma grande pecadora. E ela era uma grande pecadora (eu conhecia-a muito bem) que todos os meses se confessava e todos os dias ouvia missa, e aos Domingos

ia passear para os arrabaldes da cidade com o detriço dos seus amores!...

Era pecadora mas era séria...

Nunca os mais sérios pecados lhe fizeram subir o rubor às faces descóradas (porque dêles todos os meses ficava aliviada, assim como eu fiquei aliviado de todos os pecados praticados durante 365 dias) nem as mais expremidas graças lhe fizeram abrir em sorriso os seus finos lábios de côr alaranjada...

Nem para o seu amado ela já-mais sorriu... Era séria... Sabia disfarçar...

Eganava os confessores (não tinha confessor certo, naturalmente porque não lhe convinha é claro) pois nunca nenhum a supoz pecadora, e algumas vezes até o seu detriço enganava...

Era séria...

No entanto, eu sabia que ela gostava muito de unir os seus lábios finos, chupando as faces descóradas, e gorgolejar beijos tremidos de receosa nas faces tostadas e picadas da barba do seu detriço...

Mas era séria...

Enfim, como não pôde ser, sai apressado, abrindo a porta com força que num rugir surdo ficou a chiar nas molas de aço. A' entrada da porta de minha casa, belisquei com força o braço roliço duma campônia fresca e gatota.

—Bruto... Or'ó besta—rugiu colérica.

Fez uma cara feia, encolheu-se arripiada com a dôr surda que o beliscão lhe produziu, e fazendo um gesto com o braço direito ela mirava com coca o meu espinhaço, mas a pontaria falhou, e contra a padieira da porta, a mão calosa de campônia foi abrandar toda a coragem.

—Xó bruto; o dianho do home parece qu'ê tolo—rugiu novamente a campônia lambendo a mão.

Já estava com os pés debaixo da mesa pronto para devorar tudo o que viesse, e ainda ouvia a campônia:

—Foi um bruto que me mor-

discou o braço, olhe, quer ver a marca que ficou... Ora veja... A' que s'eu o agarrava...

Nessa mesma ocasião, agarra-va-me eu com toda a fôrça à teta duma bica de trigo.

Depois de almoçar fiquei a pensar um bocadinho; bati na cabeça três vezes e pedi a Sant'Ana muito juizinho. Mas êle não veio, e todo o santo dia foi uma desgraça.

Reconheço que preciso de me confessar, como a boa e séria beatinha, todos os meses, senão Deus meul estou irremediavelmente perdido.

Não me salvo, e lá vou eu cair de roldão no forno do inferno, onde as línguas vivas do fogo crepitante me chamarão um figo.

E eu não quero ir para êsse terrível inferno (ai meu Deus! que tremuras...) que por certo, creio mesmo, não é tam terrível como o pavoroso inferno da guerra, que ceifa milhares e milhares de corações cheios de vida e de ilusões e massacra sem dó e sem amor crianças e mulheres!...

Embora me pareça melhor êsse inferno a que preside o Diabo do que êste inferno da guerra a que preside essa figura do Kaiser mil vezes mais edionda e brutal do que a do Diabo, eu, timorato como sou, dêsses dois infernos hei de fazer todo o possível de fugir.

Fugir como o Diabo foge da cruz e o Kaiser da metralha dos inimigos.

Fugir, fugir do fogo do inferno e do fogo da metralha...

Eu quero ir para o céu (tenho feito nesta vida acidentada por o merecer mais tarde, pois por enquanto ainda acho muito cedo) sentar-me entre os anjos espigados, para os poder abraçar a todos (já que na terra é difícil e custoso, pois muitas vezes um atentado dêsses paga-se caro) e beijar de fugida os mais bondosos e lindos, quando S. Pedro adormecesse docemente embalado pelos acordes maviosos da música divina...

Quería assim no céu como na terra...

A.

## O Pardal para Mademoiselles

Que nos importa esta guerra  
Cortando a nossa esperança,  
Se um lindo mar de bonança,  
Nos espera em ternos ninhos?  
Nosso amor o peito encerra,  
Na luz dos nossos cantares,  
Eu vivo dos teus olhares,  
Na sombra dos teus carinhos.

\*  
\* \*

As lágrimas também podem ser  
filhas da alegria imensa que senti-  
mos quando matam uma sauda-  
de, revendo a criatura a quem  
muito amamos.

\*  
\* \*

O olhar da pessoa amada a  
quem dedicamos um sincero amor,  
é como a estrela diamantina que  
scintila entre a névoa de inverno.

\*  
\* \*

*Esperança!* Sublime virtude,  
que amenisa o nosso sofrimento,  
pois mesmo ainda que caminhe-  
mos para um abismo, seguimos  
sempre na esperança de melho-  
res dias. Sem ti, divina virtude,  
cairiamos logo ao primeiro golpe.

\*  
\* \*

*O Amor* nasce num olhar, au-  
menta num sorriso e morre numa  
saúde.

\*  
\* \*

O tempo apaga depressa as  
coisas da terra, mas não apagará  
jâmais os vestígios de uma dôr  
causada por uma ingratitude.

\*  
\* \*

O sono é o único descanso que  
se encontra na vida, servindo de  
alívio para um coração que sofre  
as dôres e lágrimas pungentes de  
uma saúde infinda.



«O prometido é devido»,  
Diz um adágio antigo.  
Eis, pois, a caricatura  
Do nosso presado amigo.

—E que tal a acha o leitor?  
—Que lhe parece, afinal?  
—Acha engraçado? tem chiste?  
—Vá?! diga bem ou diga mal?!

—Seja franco e, sem receio,  
—Diga a sua opinião:  
—Está ou não elegante  
De monóculo na mão?

—E vê-se bem pelo rosto  
Que é alegre e satisfeito.  
—Nada lhe falta, olhe bem,  
—Lá tem a camélia ao peito.

—De luvas e de bengala,  
—As roupas bem perfumadas,

—E pelo brilho das botas,  
—Vê-se que estão engraxadas!

—O lençinho e o chapéu,  
—Colete de fantasia.  
—Aprumar mais? Isso não.  
—Amarelhe não podia,

—Podia estar a fumar,  
—Mas nesse caso, então.  
—Não podia apresentá-lo  
—De monóculo na mão.

—Repare o leitor p'rá medalha  
Na corrente pendurada:  
Dum lado o Afonso Costa  
E do outro a Miguelada...  
E a tal nova moeda  
Pois a outra está safada.

Guimarães, Abril de 1916.

ÓSCAR DINIZ.

## Sem pés nem cabeça

João apalpa as algibeiras do casaco, esvasia-as e vê que lhe faltavam dois centavos para comprar um *fauteuil* no cinema. A mamã não lhos dá para não o afazer a maus costumes.

João toma uma resolução. Vai à gaveta da cómoda de sua irmã e zás... Costa Queijo com um alfinete de ouro do seu amante—amante dela.

Duas coroas... três... João saltarica de júbilo e lá vai até ao cine...

Entra já depois da sinfonia... tudo é escuro... procura um *fauteuil*, e ei-lo junto de madame X. Momentos depois, sente que alguém lhe toca nas pernas, leva a mão às ditas e, sublime contraste, encontra uma mão de fada que o procura, que o ama... O coração é um vime em João... palpita—Cupido faz mais uma das suas—João espera ansiosamente o fim da película, para admirar o rosto da sua cara metade. O fim não aparece; João impacienta-se. Dois minutos passam e o *ecrain* torna-se branco. João deita os olhos de soslaio e repara que é vigiado pela mãe. Fica mudo e quedo. A mãe indaga a procedência da massa e obriga João a ir até casa sem concluir a sessão.

\* \*

Madrugada... Clotilde procura na gaveta da sua cómoda todas as cartas que se trocaram durante o precioso tempo de verão, na praia da Povoia, e vê que lhe falta o referido alfinete...

Há barulho, zangas... levanta-se a mamã, papá, criada, os gatos, as galinhas e João moita... nem *chus* nem *mus*. Momentos depois foram encontrar a cautela de prego num dos bolsos do colete... nova zaragata...

Dai para futuro João viveu fe-

liz... ia sempre ao cine, pois a mamã, para que não aprendesse maus costumes, dava-lhe um escudo tôdas as semanas...

JACINTO.



## O PARDAL CÁ POR CASA

?

Informam-nos que vai ser expropriado *por desnecessário* o illustre gentleman vimaranense A. R.

Sentimos profundamente um tal facto, tanto mais que o seu porte gentil, a sua vasta ilustração e as suas maneiras delicadas e fidalgas fazem falta neste meio em que abunda a miséria da má educação.

Em todo o caso, como ainda há tempo de evitar um tal desastre, convidamos os nossos estimadíssimos colaboradores a darem a sua opinião sobre o melhor meio a empregar para evitar que tal coisa chegue a confirmar-se.

Só se aceita colaboração limpa.

\* \*

???

Foi tal a celeuma que produziu no meio jornalístico cá da nossa querida vimaranese a aparição do nosso modesto mas *chilreador* Pardal, que foi preciso abrir de par em par as portas da nossa administração para poderem entrar e sair à vontade os valiosos cooperadores monetários.

O Rêde, coitado, chegou a enrouquecer e tão afadigado ficou com as idas e voltas ao depósito que à noite já não sabia de que terra era.

Foi até necessário recorrer aos exemplares que se destinavam ao correio para satisfazer a todos os pedidos, motivo porque alguns dos nossos presados amigos a quem consideramos como assinantes o receberam na quinta feira.

O nédio e rubicundo administrador viu-se tam atrapalhadinho com os clientes que suou as estopinhas, sendo-lhe necessário tomar cinco pastilhas de aspirina da marca A. M. para atrazar a atormentação da cabeça que lhe ia produzindo as costumadas e malditas nevralgias.

Mas, graças a Deus, passado o primeiro e principal momento das trapalhadas, êle promete, à fé de quem é e com a ajuda das santas almas, mandar sempre chilrear, à porta dos seus e nossos amigos, ao romper de alva dos domingos, salvo caso de força maior devidamente comprovado, o seu e nosso bicudíssimo *Pardal*,

Está dito?

Pois então perdoem-lhe desta vez, que êle não torna a fazer outra.

\* \*

**O PARDAL**—agradece aos colegas da imprensa as amáveis palavras que lhe dedicaram.

Muito obrigados... não tem de quê...



O beijo é uma palavra divina que não se pronuncia.

O beijo é um começo de incendio.

O beijo é a flor que nasce sobre o róseo canteiro dos lábios.



**O Pardal na galeria**

**High-Life**—O Prisioneiro de Zenda.

\* \*

**Chantecler**—O Prisioneiro de Zenda.

Benefício do ex-actor Artur Santos, cego há 15 anos.

**Várias**

**Teatro Gil Vicente**

Próximo domingo 16, estreia da Opereta em 3 actos «Rosas de Nossa Senhora» pela Companhia Dramática Correia Peixoto.

**Viana**

**Teatro Olímpia**

Estreia da revista «Fóra dos Eixos» Original dos irmãos Jacinto e Graça.



**A mademoiselle X...**

Quantas noites serenas e belas, fitando a lua, minha doce companheira de infância, me recordo que talvez ela já nos visse algum dia na linda e poética praia do Estoril. Outrora na flôr da minha existência quando devia pensar na realidade, sonhava somente em ti. Triste e doloroso foi o despertar.

Achei-me só no mundo, victima das minhas etérias illusões, até ao momento tam perfumadas de essências e esperanças. E tu! ente querido, que no meu infortúnio tens sido sempre o único sol que ilumina a minha vista, dá-me o

último alento para poder lutar contra a adversidade.

Sem lar, sem os carinhos de mãe, que só depois de a perdermos os recordamos com saudade, nada mais me resta, senão o teu amôr.

Viveremos perto da linda e pitoresca cidade de Guimarães, longe dos olhares profanos que podem macular a nossa felicidade.

Guimarães, 5-4-916.

ANTÔNIO VIANA.

Estudante.



Um sargento explica a gramática aos soldados.

—Se eu cair de um terceiro andar e não me machucar, isto seria *singular*. Mas se eu cair e morrer, então é *plural*.



**O PARDAL NO CARNET**

De Manáus, onde estava há anos, regressou a esta cidade o sr. Amadeu Penafort, sobrinho do sr. Joaquim Penafort Lisboa, escrivão de direito, desta comarca.

—Com sua esposa regressou ao Pôrto o importante capitalista sr. José Marques Coelho.

—Consoiciou-se há dias o sr. Domingos Marques, negociante, com a sr.<sup>a</sup> D. Arbertina Almeida, irmã do sr. Amadeu José Almeida. Parabêns.

—Finou-se o sr. Joaquim da Silva Maurício.

Pesames à família enlutada.

—No templo de S. Domingos efectuam-se este ano com grande luzimento as tocantes cerimónias da Semana Santa.

—Se o tempo o permitir, sai hoje da igreja do Campo da Feira a majestosa procissão de Passos.

—Vindo da Africa Occidental, para onde partira em comissão no ano de 1912, regressou a esta cidade o sr. Inácio J. Pereira de Souza, tenente veterinário.

—Também regressou a esta cidade com a 11.<sup>a</sup> companhia de infantaria 20 que, em janeiro do ano findo, havia partido para o Sul de Angola, o sr. Mário Cardozo, alferes do mesmo regimento, irmão do distinto artista vimezanense, sr. Abel Cardozo.

Sejam benvindos.

—O sr. Conselheiro João Franco contemplou com a quantia de 100.000 réis a caixa de socorros, anexa à associação de classe dos Operários Cortidores e Surradores desta cidade.

—A arrematação da nossa praça de touros para as próximas corridas tem lugar no dia 24 do corrente, constando-nos haver já propostas para o seu arrendamento.

—Tem estado doente a sr.<sup>a</sup> D. Luísa de Araujo Gomes, esposa do capitalista sr. Francisco Fernandes Guimarães.

—Fês ontem anos o sr. Francisco Gonçalves da Cunha, co-proprietário da Empresa Cinematográfica Vimezanense.

Felicitações.

—Está entre nós o sr. Comendador André Avelino Lopes Guimarães.



—Quando é que a nossa perna esquerda fica direita?

—???

—Quando a estendermos.



## O PARDAL NA SECCÃO LITERARIA

## A morte de minha irmã

Quando vi que fechavas  
Os olhos teus.  
E a morte procuravas,  
Entre os adeus.  
Senti naquêlê instante,  
Irmã querida.  
Uma dôr penetrante,  
Jámais sentida.  
Olhei a nossa mãe,  
Atroz quebranto.  
Em meus olhos também,  
Amargo pranto.  
Senti teu terno peito,  
Tornar-se frio.  
Como que no teu leito,  
Ouvesse um rio.  
Beijamos a seguir,  
O rosto teu.  
Gelaste a sorrir,  
Fôste p'ró céu.

1915. LUIS TEIXEIRA JACINTO.

## NO DECLIVE

*Ante ontem de manhã—visão sublime  
que me trouxe uma lágrima dos olhos,  
lágrima que esta vida me redime  
de tanto passo vão por sôbre escolhos—*

*Vi uma câ a ornamentar-me a fronte  
tal qual num vale um branco lirio  
reverbera os clarões dêsse horizonte  
que o vai finalizar pelo martirio.*

*Esta câ perturbou-me alguns momentos!...  
Depois, co'um esioicismo colossal  
que me cegou de todo os sentimentos,*

*Monologuei revendo-me ao espelho:  
—! Que praga, que moléstia, que mal  
trará à humanidade mais um velho?!*

4-4-916.

R. E.

## Naquela noite...

Exangue e mórbido o crepúsculo descera nesse dia. Era triste, e a sua tristeza, mixto de Saudade e Dôr, vinha espalhar-se pela terra enfêrma, anémica, dolorida...

Bronzes tinham chorado, lá longe, na branca ermida do monte, gemendo Avé-Marias.

E as trevas vinham descendo, e a Noite, a Virgem do mistério, vinha envolvendo o Mundo, estrelas vinham já aparecendo, às miríades, intensamente vivas, profundamente trémulas...

O pálido luar, com seu manto doirado, de cabeleira fulva, sorria docemente, entre constelações de luzes...

Colunas de fumo principiavam a sair dos casais, todas brancas, como farrapos de núvens, como mantos de Fadas... subiam no Infinito eternamente insondável, revolteavam, e lá iam pelo espaço, numa prece, numa súplica, num desejo...

Já minha alma pairava muito

alto, embebida no espectáculo sublime do que é sempre grande, do que é sempre imortal. Mergulhando no abandono, pensei nas amarguras da vida sempre ferina; vi quanto ilusórias eram as grandezas do Mundo, comparadas às magnificências do Infinito; reconheci quanto é mesquinho o ódio do homem, sempre tórvo, em presença da pacatez da Natureza, sempre pura, sempre bela; e confrontando sucessivamente o real e o Ideal, a Vida e a Morte, o crime e a pureza, as trevas espessas da existência, com os deslumbramentos inapagáveis da Eternidade, louvei e admirei a grandeza do Criador, e o acto estupendo da Criação.

Tudo nessa noite paradisíaca, quasi divina, me surpreendeu e encantou: as pequeninas florsinhas de hastes finas, balouçando-se à mercê do zéfiro suavíssimo que perpassava, os astros, lá no céu lucilante, percorrendo suas órbitas certas e regulares, o Silêncio solene que de tudo rescendia, a Solidão augusta em que tudo dor-

mia... e depois disto tudo as montanhas, lá ao fundo, semelhando silhuetas encantadas, Esfinges adustas rememorando os tempos que passaram e proclamando às gerações o respeito, a força, a poesia, a petrificação colossal do seu Ser!

.....  
Lentamente saí do êxtase em que me encontrava, e ao passar, já mais calmo, pela mansarda duns pobres, honrados camponeses, eu vi quanto era feliz a pequenez daquelle lar: uma voz de criança, inocente, resava, mãos erguidas, pedindo a paz para toda a terra, a dita para todos os homens, a abundância para todos os pobres, o perdão para todos os inimigos, o carinho para todas as lágrimas, a misericórdia para todos os pecadores, o céu para todos os povos...

E assim terminou naquela noite o meu deslumbramento com as súplicas duns lábios insontes, até Deus no prostilo da sua Omnipotência!

E. P.